



Ateliê de Humanidades
Editorial

SINFONIA BARROCA

Rubem
BARBOZA FILHO

O Brasil
que o povo
inventou

SINFONIA BARROCA

Rubem Barboza Filho

SINFONIA BARROCA

o Brasil que o povo inventou



Ateliê de Humanidades
Editorial

Título – *Sinfonia barroca: o Brasil que o povo inventou*

Autor: Rubem Barboza Filho

1ª edição – 2025, Rio de Janeiro – RJ

ISBN: 978-65-86972-39-9

atelièdehumanidades@gmail.com / www.atelièdehumanidades.com

© Ateliê de Humanidades

Ateliê de Humanidades Editorial

Rua Juparaná, 63, casa 03 – Andaraí, Rio de Janeiro, RJ

CEP: 20541-135

Tel: 21-97979-3743 / 21-98260-9154

Coordenação editorial:

André Ricardo do Passo Magnelli

Coordenação executiva:

Leislane Almeida do Passo Magnelli

Editoração e revisão final:

André Magnelli

Capa e projeto gráfico:

Afrodite Sá Peixoto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Barboza Filho, Rubem
Sinfonia barroca : o Brasil que o povo inventou /
Rubem Barboza Filho. -- Rio de Janeiro : Ateliê de
Humanidades Editorial, 2025.

Bibliografia
ISBN 978-65-86972-39-9

1. Arte barroca - Brasil 2. Brasil - Aspectos
sociais 3. Brasil - Civilização 4. Política - Brasil
5. Pragmatismo I. Título.

25-267136

CDD-300.981

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Ciências sociais 300.981

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Sumário

PREFÁCIO – Felipe Maia	09
APRESENTAÇÃO	15
1. A PLURIPOTÊNCIA DOS NOSSOS NADAS ORIGINAIS	31
A ausência de um poder central sobre o território	35
A ausência de uma língua comum	42
<i>Linguagem como forma de vida</i>	42
<i>A tradução na Babel das línguas</i>	48
A ausência de uma religião comum	55
A ausência de elites	60
<i>Como os Estados Unidos nasceram barrocos</i>	60
<i>Fronteiras em movimento e pragmatismo</i>	69
<i>Entre ocidente e anti-ocidente: hispano-américa e neobarroco</i>	79
<i>Um povo sem elites culturais dirigentes</i>	87
A ausência de uma sociedade	91
2. TRÊS SÉCULOS DE UM POVO QUE SE FEZ	99
Um território formado pela multidão	101
A reinvenção do português como língua mestiça	106
Uma economia dinâmica e exuberante	132
Brasil, capital do Império português	144
3. A POLITICIDADE INVENTIVA DO BARROCO	147
O sertão-mundo / sertão-linguagem	147
A linguagem e potência do barroco	152
<i>A pólis, o terceiro excluído e o barroco como método</i>	157
<i>A teatralização do mundo</i>	163
O que o barroquismo ibérico trouxe para a América?	168

4. O BARROCO E A CRIAÇÃO DO BRASIL **173**

Os ameríndios brasileiros 176

Triadismo, afinidade potencial e abertura diferenciadora 178

Perspectivismo e incorporação do outro 183

Os africanos 193

Brasileirização da África, africanização do Brasil 195

Inventividades na diáspora sofrida 199

Minoração e dialogia transcultural 205

Arkhé, corporeidade e alacridade 208

Os ibéricos 220

Do neotomismo ao barroco 221

Estratégias barrocas de conversão 232

A formação pela mestiçagem 237

O erotismo do barroco 241

A universalização pela ampliação das paixões 251

5. O MUNDO DO OURO **259**

Um novo sertão 260

O modelo de Ouro Preto 265

A religião das cidades 273

A arte barroca e a plasmação da vida em comum 284

Um jogo de violências e experimentações 287

O sentido barroco do Brasil 294

6. O IMPÉRIO, A REPÚBLICA E O ESQUECIMENTO DO POVO **301**

O problema do liberalismo na Independência e no Império 301

Do princípio imperial ao fim do Império 311

Romantismo e o nascimento do racismo brasileiro 316

Contudo, o "não-povo" se move	320
A República sem República	325
Modernismo e a descoberta do Brasil	330
7. O NASCIMENTO DO BRASIL COMO NAÇÃO POPULAR	335
Do Brasil sublime ao carismático	339
O racismo e a questão da democracia racial e social	349
A questão indígena	356
Um povo rizomático: de Vargas a Brasília	359
Da instituição de um novo espaço de razão ao seu desfazimento	366
8. UMA DISTOPIA FANTASIADA DE BRASIL POTÊNCIA	377
A modernização demofóbica	377
Alternativas em luta por um futuro	384
O político e a Constituição dirigente e autoaplicável	404
Autofagia política	408
9. A CRISE DO FUTURO E OS REGIMES DE ETERNIDADE	413
Perda de futuro, busca de eternidade	413
Como o populismo de direita conquista o povo	420
Como a esquerda se tornou gótica	435
Uma fantasia de eternidade plantada no caos	442
<i>O estado de natureza como eternidade</i>	444
<i>Uma linguagem antibarroca e triturante</i>	448
<i>Exaustão da linguagem e septicemia semântica</i>	451
A impotência ilimitada do populismo de esquerda	454
Retomar a abertura do mundo pela linguagem	458

10. A NOSSA CHANCE: UMA SINFONIA BARROCO-PRAGMÁTICA	467
Fausto no metaverso	467
Uma mudança epocal?	473
A linguistificação do nosso persistente barroquismo	477
O antídoto do pragmatismo	484
Barroco mestiço	490
A sinfonia barroco-pragmática	496
<i>Imaginações para uma política barroca</i>	500
<i>A travessia</i>	511
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	521

Apresentação

A perspectiva histórica que construímos sobre o Brasil possui uma particularidade frustrante, por comparação com o restante da América: o apagamento do passado, dos nossos primeiros séculos, seja pelo esquecimento ou pela sua redução a uma aventura destituída de significado produtivo, merecedora apenas da lata de lixo da história. Para nós, brasileiros, parece impossível encontrar em nosso passado uma tradição com o peso e o significado daquelas dos nossos vizinhos. Se olharmos para o lado, vamos encontrar os hispano-americanos dispostos a explorar uma tradição barroca própria, que os afasta da Espanha, justifica as independências e as novas nações, e, em pleno século vinte, influencia decisivamente o pensamento europeu e ocidental com o Neobarroco. E se olharmos para cima, vamos nos deparar com o caso dos Estados Unidos, orgulhosos de sua história, que nasce barroca, ao ponto de transformá-la em uma aventura paradigmática para o Ocidente. Hoje em crise, sabemos.

Todas estas experiências partilham conosco a condição de um Novo Mundo, na América. O mesmo tempo e o mesmo espaço. Mas a única que não parece conferir dignidade ao passado é a do Brasil. Os hispano-americanos lutaram contra a Espanha, os anglo-americanos contra a Inglaterra, mas nenhum deles recusou o passado. Ao contrário, eles fizeram das suas independências o momento de doação de sentido à vida das gerações anteriores, presentes e futuras, envolvendo-as numa história comum e progressiva. Até mesmo o caso extravagante

do Canadá, um país tão etéreo que parece não ter história, mas tem, e tão complicada quanto as demais. Ou do México republicano, que incorpora à sua história os milênios de seus povos indígenas, registrando-os nos magníficos murais de Diego Rivera. A reconstrução histórica era um ato deliberado de identidade comum entre gerações que prenunciavam e asseguravam um futuro. Podíamos ter feito a mesma coisa.

Mas fizemos? Ou fazemos? Com raras exceções, olhamos os nossos três primeiros séculos como um tempo a ser esquecido para a construção de um Brasil moderno. O mandamento, como observa Luiz Werneck Vianna no prefácio de meu *Tradição e Artifício*¹, é o de ruptura com o passado, na academia e fora dela. Era esta a crítica do poeta Haroldo de Campos, endereçada a um dos nossos maiores críticos literários, Antônio Candido, que teria realizado um verdadeiro “sequestro do barroco”, arrancando-o da vida brasileira e jogando-o no colo do mundo português, deixando de fora da nossa galeria um poeta como Gregório de Matos, o Boca do Inferno.² Uma cesura abstrata e injustificável que, de alguma forma, Candido suavizou posteriormente. Mas uma cesura comum à nossa reflexão, que atribui aos portugueses a inteira responsabilidade pelos nossos primeiros séculos de vida, o que está longe de ser verdadeiro. Ao comparar o caso brasileiro com aquele dos hispano-americanos ou norte-americanos, não estou a insinuar que a experiência histórica de todos eles foram ou são mais felizes do que a nossa. Nenhuma delas é um conto de fadas. O ponto é que este exercício de incorporação do passado os obrigou a exercícios reflexivos mais complexos do que o de simplesmente cancelar ou desconhecer, com um giro epistemológico arbitrário, séculos de história.

1 WERNECK VIANNA, Luiz (2025) Prefácio à 1ª edição (publicada em 2000). In: BARBOZA FILHO, Rubem (2025) *Tradição e Artifício. Iberismo e Barroco na formação americana*. Rio de Janeiro: Ateliê de Humanidades.

2 CAMPOS, Haroldo de (2000) *O sequestro do Barroco na formação da literatura brasileira. O caso Gregório de Matos*. São Paulo: Iluminuras.

De qualquer modo, leitor, a visão que usualmente temos de nosso passado é de que ele foi um desastre histórico, a fonte original das perversidades e atribulações que ainda hoje nos assolam. Uma herança tão pesada que duzentos anos de autonomia política não foram suficientes para superá-la. Quem diria. Talvez seja este o momento adequado para a reflexão sobre a nossa história, ou nossas narrativas históricas, sempre orientadas pelo projeto de replicar entre nós a modernidade ocidental. Para usar uma expressão de José Guilherme Merquior, ao longo dos dois últimos séculos sempre estivemos envolvidos em deixar de ser um *Outro Ocidente* para nos tornarmos plenamente ocidentais e modernos. Um movimento prático e reflexivo, orientado pela autoconsciência ocidental, que reclamava a ruptura com o passado – uma sociedade tradicional – para alcançar a nossa plena modernização. O problema é que este horizonte de futuro já não desfruta da mesma clareza de antes. Para ser preciso, ele está desmoronando, e também seus seculares paradigmas teóricos.

Em um balanço da produção da sociologia brasileira, Sérgio Costa observa criticamente que ela se desenvolveu com base em três axiomas: uma interpretação eurocêntrica da modernidade, uma compreensão formalista da política e do Estado, e uma concepção essencialista do sujeito moderno. Creio que isto pode ser ampliado para as nossas ciências sociais, para a história e para a economia. Porque submetidas a estas premissas, nossos esforços nunca lograram produzir teorias próprias sobre o Brasil, entregues à formulação de “teorias por adição”, ou seja, acrescentando aspectos imprevistos nas grandes teorias ocidentais sem, no entanto, abandoná-las em favor de uma reflexão original sobre o país.³ Eu chamo a isto de uma “contradição pragmática”: quanto mais esmiuçamos o passado

3 COSTA, Sérgio (2010) Teoria por adição, *Horizontes das Ciências Sociais no Brasil. Sociologia*. Coordenador Geral Carlos Benedito Martins; Coordenadora de área, Heloisa Helena T. de Souza Martins. São Paulo, ANPOCS.

e o nosso presente sob o império destas grandes teorias ou paradigmas ocidentais, mais se torna claro que a obsessão com o “moderno”, confundido com o Ocidente, nos impediu a imaginação de uma história efetiva e a criação de um Brasil plenamente moderno e radicalmente original. Hoje, a mera corrida da “modernização” e da “ocidentalização”, a pura mimese do Ocidente, já não é capaz de oferecer um horizonte prático para a nossa vida interna e brasileira, para os dramas e tragédias que a crise mundial trouxe para a nossa vida.

A “modernidade” aparece no Ocidente como um conceito cultural referido a uma configuração social radicalmente nova e europeia a partir dos séculos XVI e XVII, experiência prolongada em especial pelos Estados Unidos. Agora, no dizer de Jürgen Habermas em seu livro mais recente, *Uma história da filosofia. A constelação ocidental da fé e do saber*⁴, vivemos as circunstâncias inéditas de uma “modernidade globalizada”, alimentada por tradições não ocidentais, diferentes ou mesmo divergentes, uma arena plural onde se disputa o próprio sentido do “moderno”. Sobre a base de uma infraestrutura tecnológica e econômica comum, criamos o palco para disputas civilizacionais que não mais prestam vassalagem à autoconsciência do Ocidente. Grandes e antigas tradições se apropriam, ao seu modo, desta infraestrutura, desautorizando a interpretação simplista das teorias ocidentais da modernização, à esquerda ou à direita, orientadas pela premissa de que a estrutura determinaria a superestrutura, homogeneizando globalmente as formas de vida humanas. O modelo “ocidental” perdeu sua hegemonia e a condição de uma bússola histórica, um resultado que esteriliza a imaginação do nosso velho projeto de ocidentalização do Brasil.

Esta diversidade de tradições e de concepções de modernidade poderia beneficiar a todos, enriquecendo o panorama do

4 HABERMAS, Jürgen [2019] (2023) *Une histoire de la philosophie. La constellation occidentale de la foi et du savoir*. Paris: Gallimard.

mundo, e nos oferecendo um horizonte mais largo e cosmopolita para nossas possíveis escolhas de futuro. Mas não é bem isto que está a acontecer. Com certo atrevimento, ousou alterar a hipótese otimista de Habermas, trazendo à luz o receio que subjaz à sua proposta de um diálogo entre o pensamento pós-metafísico ocidental e as velhas tradições nascidas na Revolução Axial, em especial no Oriente. Minha hipótese, neste livro, é que a mobilização de “tradições” neste mundo pós-ocidental, que usufrui a mesma base econômica e tecnológica, se desdobra como um movimento mundial de afastamento da concepção de temporalidade – ou de tempo – própria do Ocidente, seja a do Cristianismo, do Iluminismo, da Modernidade, enfim. Mesmo no próprio Ocidente. Nas suas várias versões, esta concepção de temporalidade sempre implicava um passado, um presente e um futuro, como uma caminhada emancipatória em todas as dimensões da vida humana. Ou seja, uma história de emancipação, dirigida para o futuro. A mobilização de “tradições” expressa uma mutação radical na direção da flecha do tempo, agora dirigida para a busca de um sentido existencial em um passado sem tempo, ou uma origem fora da história dos humanos. Uma inflexão que se dá como compensação da perda do futuro, o nervo utópico de nossa aventura humana, e produz o que chamo de *regimes de eternidade*.

Esta evanescência do futuro e a emergência dos regimes de eternidade nasceram de duas circunstâncias históricas. A primeira delas está relacionada à implosão da União Soviética. Em especial no pós-guerra, o mundo estava disputado por duas utopias modernas e ocidentais: aquela do capitalismo democrático e a do comunismo, que pretendia construir uma verdadeira democracia, sem o capitalismo. A presença desta alternativa comunista emulava a criatividade do capitalismo democrático, com a sua social-democracia. Com a derrota da utopia comunista no mundo soviético, o Ocidente perdeu o espelho que lhe devolvia a consciência de seus limites e possibi-

lidades. O mundo ocidental celebrou sua vitória sem perceber que o fracasso soviético era também a derrota de uma utopia ocidental.

Quase simultaneamente, surge no Ocidente um novo e assustador tipo de capitalismo, impulsionado por impressionantes e também assustadoras inovações tecnológicas. Uma nova forma de capitalismo que se descola radicalmente de suas origens modernas e revolucionárias, ainda inspiradas por uma chama futurista e fáustica, e atreladas à afirmação da igualdade, da liberdade e da fraternidade como valores universais da humanidade. Origens celebradas por Marx, com sua célebre afirmação de que tudo o que é sólido desmancha no ar, ao liberar as potências humanas para a sua máxima liberdade e plenitude. Agora, este novo tipo de capitalismo se despede das esperanças utópicas humanas para afirmar-se ele próprio como “valor universal”, dotado de uma dinâmica autônoma em relação aos humanos. Ideologicamente impulsionado pelo neoliberalismo, e materialmente por inovações tecnológicas que deram curso ao processo de globalização e financeirização do capital, este capitalismo não se preocupa com os bens morais e libertários de antes, submetendo os humanos aos seus desígnios e à sua dinâmica autopropulsora. Ele é mais do que simplesmente indiferente a questões morais ou éticas. Ele precisa arruinar aquilo que pode ameaçá-lo: a ideia de história humana, entendida e vivida como aprendizado comum capaz de controlar o seu desenvolvimento, os seus resultados e suas consequências. Ou seja, a potência da agência humana multiplicada pela perseguição do futuro como emancipação.

Não estou a sugerir a existência de estruturas fantasmagóricas, dotadas de uma dinâmica que desaba sobre o mundo e a humanidade como agentes inertes e passivos. Este novo tipo de capitalismo precisa dos seres humanos para se cumprir, e ele faz isto alterando ou reduzindo a nossa paleta de escolhas disponíveis, incentivando um “realismo” como disfarce da im-

potência. Thomas Piketty já dissecou, consistentemente, os mecanismos desta mutação do capitalismo e sua enorme capacidade de aprofundar a desigualdade entre os países e dentro deles. Um tipo de capitalismo que demanda a circulação mundial do capital e do trabalho, devastando os arranjos existentes para criar cadeias produtivas mundiais, desconhecendo a autonomia dos países e as pretensões de organismos internacionais.⁵ Esta avalanche de mudanças pôs em risco o modelo do “capitalismo democrático”, típico da social-democracia ocidental no pós-guerra.

Dani Rodrik, outro economista, parece ter encontrado esta nova estrutura de escolhas criada por este tipo de capitalismo. Segundo ele, a globalização e financeirização do capital impôs a todos os países um trilema em que apenas duas opções são possíveis: a preservação da democracia, a autonomia nacional e a participação no processo de globalização. Este trilema explodiu a face cosmopolita do mundo, e a própria dinâmica da globalização relativiza de forma clara o valor da democracia como uma das duas escolhas a serem feitas.⁶ À medida que ela perde sua força, a possibilidade de um futuro de emancipação, baseado na cooperação, se estilhaça progressivamente. E surgem os *regimes de eternidade*, que alteram a direção da flecha do tempo para a redescoberta, a reinvenção ou a pura e destrambelhada invenção de origens fora da história. Uma origem que não desata uma história a ser recuperada como aprendizado no tempo, mas abriga um “destino” a ser atualizado para garantir a autonomia nacional em meio ao processo de globalização. O futuro já não é mais a projeção das potências humanas em busca de fins e ideais emancipatórios.

O Oriente e a Ásia aprenderam, com o fracasso soviético, o mandato do progresso material, econômico e tecnológico sem

5 PIKETTY, Thomas [2013] (2014) *O Capital no século XXI*. Rio de Janeiro: Intrínseca.

6 RODRIK, Dani (2011) *The Globalization Paradox: Democracy and the Future of World Economy*. New York, London: W.W. Norton Company.

a tentação da mimese do Ocidente e de suas formas de vida. A China se construiu como potência, nas últimas décadas, sem a ambição de se jogar no mundo como um “farol revolucionário” para a humanidade, portadora de uma alternativa utópica ao capitalismo. Sequer se oferece como modelo global, revelando-se como uma “forma de capitalismo” particular e próprio, que se desdobra a partir de sua origem e de suas tradições, em especial o Confucionismo, para uma atualização do velho Império do Meio. Ou seja, ela não se move para um futuro, mas como o prolongamento de cinco mil anos de existência. Tampouco a Índia possui a ambição de “abrir o futuro” no sentido usual, manejando um delicado equilíbrio interno entre as suas tradições, religiosas ou não, para um jogo estratégico no processo de globalização. Apesar da estadia na Inglaterra, Ghandi nunca se “ocidentalizou”, preferindo apostar no Hinduísmo, e no respeito entre as religiões, como a base da harmonia interna indiana, traço que permanece até hoje. A Rússia de Putin se joga no projeto de restaurar a identidade eurasiana e territorial da Mãe Rússia, uma alegação para a coesão interna e o escudo para o jogo geopolítico externo. A imagem do Império Otomano hipnotiza Erdogan na Turquia, e no Oriente Médio judeus e muçulmanos se estraçalham mutuamente, em um conflito sem fim, com todos atados a origens religiosas que impedem acordos e cooperação.

Exploro tudo isso neste livro, mas imagino que o leitor possa fazer o reparo de que a recusa da mimese do Ocidente não implica em despedaçar a ideia de futuro. Sem dúvida, todos eles continuarão a existir, e a maioria já experimentou a febre ocidental do futuro. Mas hoje se orientam por uma temporalidade voltada para origens e tradições, ou seja, para religiões e metafísicas que não contêm a concepção do “futuro” como elemento decisivo do tempo humano. Os próprios gregos antigos não valorizavam o tempo, e não possuíam a concepção triádica da história, inaugurada pelo Cristianismo e ampliada

pela Modernidade. O que se perde, assim, é o tempo como possibilidade à disposição da criatividade ontológica dos humanos, uma operação que quase sempre leva à postulação de um transmundo, de eternidades e metafísicas que os homens devem obedecer.

O problema é que o futuro está a desaparecer do próprio horizonte do Ocidente moderno, com impacto direto na compreensão da democracia como forma de aprendizagem histórica dos humanos, sem a necessidade de metafísicas e filosofias da história. Este novo tipo de capitalismo devastou as bases de um capitalismo democrático, ou da social-democracia. Ele alterou a estrutura de classes existente no norte do Ocidente, o *habitat* da social-democracia; eliminou milhões de empregos ao criar cadeias mundiais de produção; transferiu a indústria para países com baixa proteção ao trabalho e aos trabalhadores; criou a contradição entre o “povo dos Estados” e o “povo do mercado” – para lembrar a distinção feita por Wolfgang Streck (que exploro neste livro) –; e encheu a Europa e os Estados Unidos de imigrantes. O resultado foi a disseminação de um profundo e generalizado ressentimento social, dirigido não a ele, o capitalismo, mas aos regimes democráticos, por uma ação politicamente orquestrada pelas redes sociais.

Pois bem, leitor, deixe-me apresentar outra hipótese um tanto quanto atrevida: nem a direita, nem o centro e nem a esquerda do norte ocidental – o núcleo da modernidade – conseguem apresentar respostas potentes a este desaparecimento do futuro e da crise da temporalidade moderna, provocadas por este novo tipo de capitalismo. De modos diferentes, todas estão contaminadas pela tentação de fugir da história, entendida como emancipação fundada na aprendizagem humana, na solidariedade social e na cooperação entre os países. E por isso mesmo envolvidas por contradições programáticas e pragmáticas, que desabam sobre suas democracias. Isto não é novo, mas raramente tão decisivo em relação ao futuro. Nenhuma das so-

luções apresentadas diz respeito a uma caminhada progressiva, o que torna esta distinção entre direita, centro e esquerda bastante duvidosa e ambígua. Talvez improdutivo. Ou certamente inútil nestes novos tempos, que mudaram o espectro das velhas opções, de algum modo infiltradas por metafísicas.

Não quero simplificar nada, apenas mostrar ao leitor os rastros e dilemas desta perda do futuro. Na Europa, os populismos de direita avançam sobre a democracia, e sobre a Comunidade Europeia, supostamente em defesa da integridade e identidade de “povos” com origens perdidas no tempo, traídos tanto pela institucionalidade europeia quanto pela dinâmica da globalização, que inunda seus países com imigrantes de todo o planeta. Nos Estados Unidos, sem a possibilidade de mobilização de tradições milenares, o populismo de Trump, com seu *MAGA (Make America Great Again)*, inventa um EUA mítico, na forma alucinada de um “estado de natureza” hobbesiano, anterior à modernidade e infenso a contratos sociais. Trump parece querer explodir o trilema de Rodrik, reduzindo-o a uma única alternativa: a autonomia nacional, que prescinde da democracia e recusa a globalização econômica. Resulta disso a imaginação de um estado de natureza inspirado pela violenta experiência da expansão das fronteiras norte-americanas para o oeste, agora revivida pelas ameaças ao Canadá, à Groelândia da Dinamarca e ao Canal do Panamá. Um país mítico, que habita um território dilatável, com a ambição de sugar para si a maior parte da riqueza mundial, em sentido oposto àquele da globalização.

Governando a maior potência econômica e militar do mundo, Trump se livra do trilema de Rodrik para distribuir generosamente, em especial aos seus aliados, outros dilemas e trilemas, cuja solução para ele só seria aceitável com a vantagem dos seus Estados Unidos. Mesmo, por exemplo, no caso da direita populista europeia ou da brasileira. Mas, leitor, meu ponto aqui não é o de destrinchar as consequências geopolíti-

cas da ganância trumpista, e sim apontar que não há nenhuma ideia de futuro ou história nesta alucinação da direita norte-americana, corporificada por Trump. Seu propósito é tornar os Estados Unidos grande novamente ao espalhar merda dentro e fora dele. Perdoe-me os termos, só que esta expressão não é minha, mas do teórico do populismo mundial e de direita, Steve Bannon.

As respostas da “modernidade” parecem frágeis diante deste turbulento movimento econômico e político do mundo. A social-democracia ocidental, bem como os tradicionais partidos liberais, conservadores e socialistas, vinculados tanto a regimes políticos democráticos quanto a formas de vida democráticas, parecem ter perdido a potência diretiva que exerciam no pós-guerra até a virada do milênio. O capitalismo globalizado e financeirizado liquidou as suas fontes tradicionais de poder e organização, a exemplo dos partidos social-democratas e socialistas. Em especial no Ocidente e nos Estados Unidos de Trump. Estes atores ainda resistem, mas tomados por uma melancolia impotente, abrindo espaço a movimentos políticos como os populismos de esquerda, o identitarismo, o decolonialismo e outros semelhantes. Surpreendentemente, estes “novos” atores possuem traços em comum: a negação de uma história progressiva – dos países ou da humanidade –, como no populismo de esquerda, e a descrença na capacidade da democracia de enfrentar os demônios, os espectros e os zumbis do passado, ao modo impotente de um *identitarismo gótico*.

Pois bem, leitor, vivemos hoje uma crise profunda e multidimensional de proporção mundial, que generaliza uma enorme desconfiança entre os países, todos numa posição defensiva, buscando caminhos próprios para enfrentar o panorama insustentável do planeta. Para lembrar Aldir Blanc e João Bosco, esta crise cai sobre o Brasil feito um viaduto. Se minhas hipóteses a respeito da perda do futuro, e da temporalidade moderna, estão corretas, vivemos nestes trópicos sem um passado, des-

prezado em nome da modernização e ocidentalização, e agora sem este antigo futuro, que se desmancha a olhos vistos. Isso não equivale ao desaparecimento de valores que o Ocidente criou ou desenvolveu reflexivamente, tais como liberdade, igualdade, solidariedade, progresso, bem estar e cosmopolitismo. Ao contrário, precisamos deles, ainda que a ideia de uma história única da humanidade esteja a se esgotar. Mas já não podemos contar, como já disse, com a pura mimese do Ocidente moderno como caminho possível para o Brasil, ou com as suas tradicionais teorias da modernização, à esquerda ou à direita, todas contaminadas por filosofias da história ou alguma forma de metafísica já ressecadas. As agulhas desta velha bússola giram em direções disparatadas, sem encontrar o Norte. Mas toda crise, leitor, é uma porta entreaberta para o futuro. E para um futuro nascido de um aprendizado com o mundo e com a nossa própria história. Que, aliás, é uma das mais cosmopolitas, juntando indígenas, africanos, portugueses, japoneses, chineses, árabes, turcos, alemães, italianos, espanhóis, pomerânios, e uma infinidade de outros povos. Uma história que, ao longo do tempo, envolveu e misturou todos os diferentes.

Ainda não sabemos se esta crise é um acontecimento pertencente à modernidade, como no caso do nazifascismo de um século atrás, ou uma crise epocal, que nos leva a uma outra e desconhecida configuração do mundo e da vida. Eu aposto que vivemos uma crise de mudança de época. Qualquer que seja a natureza desta crise, no entanto, estamos obrigados a nos reinventar, perdidos os velhos modelos de ocidentalização e modernização do Brasil. E aprofundar a nossa democracia. Não há como enfrentá-la copiando o populismo de direita dos Estados Unidos. Também não podemos encará-la imitando o “neoliberalismo progressista” dos Clinton, de Obama e de um Biden, que se curvaram à globalização do capital, mascarando este movimento pela adoção de um identitarismo gótico e politicamente impotente, um conceito que irei explorar neste

livro. Do mesmo modo, não podemos nos obrigar – algo que nenhum grande país faz – às exigências fiscais e humanamente improdutivas da globalização econômica, que atordoam a velha esquerda, encantam o “mercado” e inspiram o que chamamos ingenuamente de “centro”, um Godot que não vai aparecer. Esta vitrine de alternativas é a crise em andamento, e não a saída produtiva que precisamos. Temos que ir além dela.

Penso, leitor, que temos a chance de enfrentar, e a potência necessária para vencer, esta crise mundial que nos envolve e confunde. E por isso insisto na necessidade de uma reflexão autônoma sobre a nossa história, até agora submetida aos cânones explicativos da modernização europeia ou ocidental. Uma reflexão que nos permita a construção de uma narrativa de sentido para o país, provavelmente a melhor terapia diante de uma crise. Mas criar uma narrativa não é a mesma coisa que inventar alucinações, como no populismo de direita ou no identitarismo, e sim juntar os fios de luz que teceram efetivamente a nossa caminhada até agora, e que podem nos abrir o futuro. Uma narrativa requer também a abertura do passado, sob pena de não encontrarmos estes fios produtivos. Reabrir o passado não é a mesma coisa que abrir um cofre de onde saem fantasmas, espectros, demônios e zumbis sem vida. É um ato de introspecção que nos devolve um início, uma origem de fato. Com base nos resultados das pesquisas mais recentes, feitas por historiadores, cientistas sociais, economistas, antropólogos e artistas, pretendo mostrar que os nossos três ou quatro séculos iniciais foram o teatro para o nascimento de uma aventura humana original e potente, e diferente das outras que ocorreram na América.

E esta aventura surpreendente tem um autor: um povo mestiço, que se inventa a si mesmo e uma nova forma de vida, cravada na nossa língua própria, o português brasileiro. Um povo que redimensionou o barroco vindo da Europa, transformando-o em um “método” para a experimentação de modos

de vida em comum, dada a sua capacidade de fazer da vida, por meio do corpo, da arte e dos sentimentos, uma permanente abertura às diferenças de toda ordem, ao outro. Apesar de toda a violência existente. As pesquisas nos mostram a complexidade e originalidade deste mundo em criação, que já não pode ser capturado pelo par *casa grande/senzala*, e sequer foi arranhado pelas teorias usuais, que nos devolviam o passado sob a rubrica de uma sociedade tradicional. Se entendermos a ideia de uma sociedade “moderna” como uma forma de vida que escapa do domínio de tradições e costumes, é preciso dizer que ao se autocriar, este povo mestiço foi capaz de dar vida a uma experiência radicalmente moderna, marcada por um profundo senso de democracia e potente ao ponto de, em 1800, produzir uma riqueza semelhante àquela dos Estados Unidos e superior à de Portugal.

Se o leitor se convencer disso, concordará comigo que o repúdio ao passado, ou a sua deturpação, é uma lesão em nossa consciência histórica, uma ferida em grande parte responsável pela natureza *demofóbica* de nossa modernização, ao cobrir de sombras um sujeito que se fez ao criar uma forma de vida original, dinâmica e barroca nestes séculos: o povo comum e mestiço, também original e brasileiro. A modernização conservadora e bovarista brasileira – o termo é de Celso Furtado – não nos afastou apenas de Portugal, para onde ironicamente muitos brasileiros querem hoje se mudar, mas desconheceu este protagonista – o povo – que deveria ser o sujeito e o objeto de uma forma própria de “modernidade”. A obsessão com a mimesis do Ocidente cancelou a nossa capacidade de criar uma consciência generalizada de pertencimento de todos a uma história partilhada. História em um sentido forte: uma narrativa de sentido para a vida de todos, preservada a diversidade própria de uma vida em comum como a nossa. Uma “eticidade” sempre em construção, um aprendizado constante, como reclamava o pragmatismo de Hegel, capaz de nos de-

volver um orgulho legítimo e a alegria de participar de uma aventura emancipatória chamada Brasil.

Esta é a sugestão que apresento ao leitor para vencermos a crise em que estamos embrulhados: realizar finalmente o encontro verdadeiro entre o povo e a democracia, recuperando e atualizando os fios luminosos e potentes com que ele próprio – o povo – teceu a nossa origem. Deixando de lado filosofias da história ou qualquer metafísica redentora, e associando dois “métodos” de criação de formas democráticas de vida: o nosso Barroco, com seu *tertium datur*; e o Pragmatismo, o da virada linguística. O leitor irá perceber que me vali deles para descobrir e escavar uma narrativa histórica ainda inconclusa em nossa vida brasileira. A vantagem destes dois métodos é que eles nos ensinam a ver a história como aprendizado contínuo e real de liberdade, igualdade e solidariedade, por fora de alucinações totalizantes e entulhos teóricos que já não nos servem mais. Dois métodos que implicam a participação do povo na imaginação do que podemos e devemos fazer para sustentar a democracia, a nossa melhor escolha no trilema de Rodrik, reabrindo, assim, o nosso futuro.

Ao finalizar esta apresentação, gostaria de registrar minha gratidão a várias pessoas, sem as quais este livro não existiria. Ao meu amigo André Magnelli que, além de um preparadíssimo e arguto intelectual, é o editor do *Ateliê de Humanidades*, o meu muito obrigado. Alguns amigos, espantados com a energia do André, acham que ele não dorme. Eu acho que dorme, mas quando dorme sonha que está trabalhando, e o dia já nasce acertado. O meu agradecimento a Felipe Maia, colega, amigo e um interlocutor permanente, dono de uma inteligência rara e um dos mais preparados cientistas sociais do país. Um obrigado não apenas pelo prefácio a este livro, mas pelas sugestões e

críticas que me ajudaram a escrevê-lo. O meu muitíssimo obrigado à querida Maria Alice Rezende de Carvalho, amiga de várias vidas e muitas aventuras. Agradeço ainda a Milton Lahuerta, Marco Aurélio Nogueira, Alessandra Maia e Raul Francisco Magalhães, pelas rodadas de discussão, decisivas para o argumento deste livro. De fato, leitor, há um trabalho coletivo sem o qual eu não teria levado adiante esta aventura.

E um profundo agradecimento à minha família. Escrever um livro é, na maioria do tempo, um trabalho solitário e meio torturante. Sem a companhia, a atenção, a paciência, as observações e o estímulo de minha mulher, Eleuza, este livro não teria vindo à luz. Aos meus filhos, Guilherme e Tiago, e às minhas noras queridas, Fabiana e Isabel, o obrigado pelo suporte, pelo carinho e pelas discussões. Por fim, dedico este livro a três fontes de luz e amor em minha vida: meus netos, João Pedro, Artur e Maria Fernanda. Sem dúvida, eles foram e são a minha inspiração. E, se lhes faço esta dedicatória, envolvo neles todos os netos do mundo, pois afinal este livro é sobre o futuro.

Coleção

Biblioteca do Pensamento Político

A *Biblioteca do Pensamento Político* publica autores e livros de teoria e filosofia política, sendo eles nacionais ou estrangeiros, clássicos ou contemporâneos. Ela visa, em primeiro lugar, publicar obras que desenvolvam, histórica e/ou sistematicamente, conceitos, categorias e problemas fundamentais do pensamento político. Além disso, ela tem o intuito de trazer textos que esclareçam (de forma analítica, comparativa, compreensiva e/ou normativa) as questões políticas do tempo presente, dando atenção especial aos desafios e mutações das democracias contemporâneas.

Direção da Série

André Magnelli – Ateliê de Humanidades

Diogo Cunha – UFPE

Livros publicados

- O século do populismo: história, teoria, crítica, *Pierre Rosanvallon*
- A contrademocracia: a política na era da desconfiança, *Pierre Rosanvallon*
- Democracia e verdade: uma breve história, *Sophia Rosenfeld*
- A democracia desafiada: recompor a política para um futuro incerto, *Marco Aurélio Nogueira*
- A legitimidade democrática: imparcialidade, reflexividade, proximidade, *Pierre Rosanvallon*
- A sociedade dos iguais, *Pierre Rosanvallon*
- Tradição e artifício: iberismo e barroco na formação americana, *Rubem Barboza Filho*
- Sinfonia barroca: o Brasil que o povo inventou, *Rubem Barboza Filho*

Próximos livros

- A sociedade em laços: teoria do vínculo social, *Serge Paugam*
- O bom governo, *Pierre Rosanvallon*

Ateliê de Humanidades Editorial

Rua Juparaná, 63, casa 03 – Andaraí, Rio de Janeiro, RJ

CEP: 20541-135

Tel: 21-97979-3743 / 21-98260-9154

Coordenação editorial:

André Ricardo do Passo Magnelli

Coordenação executiva:

Leislane Almeida do Passo Magnelli

Capa e projeto gráfico:

Afrodite Sá Peixoto

FONTES: Neco e General Sans

TAMANHO: 14 cm X 21 cm

PAPEL: Pólen Natural



Numa crise mundial inédita, em que se perde por toda parte a noção de um futuro cosmopolita e emancipador, o Brasil vivencia uma espécie de “estado de ridículo”. Nosso país não se reconhece mais como tal e, por isso, nós, brasileiros, não conseguimos compreender a profundidade das mudanças em curso e as escolhas que podemos fazer para enfrentá-las produtivamente.

Para Rubem Barboza Filho, podemos sair desta impotência política e utópica se recuperarmos a nossa história como uma narrativa com sentido, originada em um povo mestiço que criou a si mesmo e à sua própria linguagem em uma *forma de vida barroca*. Uma história potente, plena de aprendizados, economicamente produtiva e socialmente democrática.

Este povo foi esquecido nos processos de “modernização” e “ocidentalização”. E mesmo quando convocado em roupagens progressistas renovadas, como a “pós-colonial”, o povo continua sendo, quase sempre, menosprezado como agente passivo, a ser educado por pretensas elites. Nosso desafio está em realizarmos, enfim, o encontro entre o povo e a democracia, assumindo de vez uma forma de vida *nossa*, com futuro *para nós*. Para tanto, basta revisitarmos a história, reaprendendo a arte com que o povo compôs esta sinfonia chamada “Brasil”.



Se a violência emudece quem a sobrevive, Rubem Barboza Filho sugere que o emancipar democrático se constitui na e pela linguagem popular, ao nomear sofrimentos e enfrentá-los. Uma sinfonia erudita e singular aos corações e mentes do Brasil.

ALESSANDRA MAIA DE FARIA

Professora da PUC-RJ e

Coordenadora do *Na Memória*

Sem exagero, esta *Sinfonia barroca*, na esteira de *Tradição e artifício*, nasce como um clássico indiscutível. O barroco dos séculos iniciais é aqui um reprimido que enfim se liberta e, magnificamente plástico e criativo, proporciona sentido novo à História e futuro aberto à humanidade brasileira, se soubermos nos reconciliar generosamente com o passado aqui recuperado.

LUIZ SÉRGIO NASCIMENTO HENRIQUES

Tradutor, coeditor das obras de Gramsci

e colunista do jornal *Estado*

O pragmatismo de Sancho Pança é muito mais fértil do que o idealismo de Dom Quixote, a não ser que interpretemos ironicamente o engenhoso fidalgo. Se, após o naufrágio pós-imperial e pós-moderno, entrarmos em um labirinto teórico infinito, o pensamento não avança. Mas avançamos com Barboza, que nos oferece uma interpretação do Brasil em que a plasticidade tropicalista não é apenas portuguesa ou ibérica, mas também africana e indígena.

PABLO GONZÁLEZ VELASCO

Coordenador Geral do *El Trapezio*

e doutor pela Universidade de Salamanca



Ateliê de Humanidades Editorial
www.ateliedehumanidades.com



Rubem Barboza Filho (1950...) é professor titular do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da mesma universidade. Tem graduação em Filosofia (UFJF), mestrado (UFMG) e doutorado (IUPERJ) em ciência política. Foi Secretário de Governo da Prefeitura de Juiz de Fora, membro do Conselho Curador da FAPEMIG e Coordenador do PPGCS-UFJF. É atualmente membro do Conselho Permanente da *Associação Iberoamericana de Filosofia Política*, que reúne pesquisadores de toda a América Latina e da Península Ibérica. Participou intensamente da *Revista Presença*, que reunia intelectuais de todo o Brasil e de orientações diversas, com o objetivo de refletir sobre o Brasil e suas perspectivas democráticas. Seu trabalho se desenvolve nas áreas de teoria política, democracia, pensamento ibero-americano, filosofia política e filosofia da linguagem. É autor de *Tradição e Artifício. Iberismo e Barroco na formação americana* (Editora UFMG, 2000, agora com nova, edição revista e ampliada, pelo Ateliê de Humanidades Editorial, 2025); e *Sinfonia Barroca: o Brasil que o povo inventou* (Ateliê de Humanidades Editorial, 2025).